

Boa Nova para cada dia / junho 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Pascal – Pentecostes

Tempo Comum – Santíssima Trindade / Corpo de Deus /
Sagrado Coração de Jesus

Qui, 1 – S. JUSTINO (Memória)

At 22, 30; 23, 6-11 / Slm 15 (16), 1-2a.5.7-11 / Jo 17, 20-26

... [peço] também por aqueles que vão acreditar em Mim por meio da sua palavra, para que eles sejam todos um. (Evang.)

Temos que ser um só. Faz-me lembrar a Igreja, corpo místico. Mas alarguemos essa noção a todos os homens de boa vontade. E acolhamos no nosso coração todos os homens de má vontade, porque não nos compete julgar, muito menos condenar. Rezemos pelos pecadores, que também estamos a rezar por nós.

Sex, 2 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

1ª SEXTA-FEIRA

At 25, 13b-21 / Slm 102 (103), 1-2.11-12.19-20ab / Jo 21, 15-19

Simão, filho de João, tu amas-Me? (Evang.)

Jesus perguntou três vezes a Pedro se ele O amava. E a cada resposta de Pedro, Jesus disse-lhe: «Apascenta as minhas ovelhas». Que diria o leitor se Jesus lhe perguntasse três vezes se O amava? Iria confirmando esse amor ou iria duvidando? Também poderia ir reforçando a certeza do seu amor... Do mesmo modo, se Jesus lhe pedisse para apascentar as suas ovelhas. (Todos nós temos ovelhas para apascentar.) Fale com Jesus sobre isto. (E porque não com Nossa Senhora?)

Sáb, 3 – SS. CARLOS LWANGA E CC. (Memória)

1º SÁBADO

At 28, 16-20.30-31 / Slm 10 (11), 4.5.7 / Jo 21, 20-25

Os seus olhos estão atentos ao pobre... (Salmo)

Há um certo estilo de riqueza que nos torna impermeáveis à miséria. Ficamos fechados num mundo de luxo (que muitas vezes nem percebemos que é luxo, de tal maneira estamos habituados a ele). O nosso coração fica cheio de coisas bonitas e caras e deixa de ter lugar para pessoas feias, **malcheirosas e andrajosas.** (A não ser que ajudar esse grupo de pessoas seja a última moda.) O leitor medite sobre isto.

Dom, 4 – DOMINGO DE PENTECOSTES (Solenidade) – Ano A

At 2, 1-11 / Slm 103 (104), 1ab.24ac.29bc-31.34 / 1 Cor 12, 3b-7.12-13 / Jo 20, 19-23

Hoje, Domingo de Pentecostes, celebramos o 50º dia depois da Páscoa, isto é, sete vezes sete semanas mais um. Já desde o tempo da antiga Aliança que se comemora o 50º dia da festa da Páscoa, no qual são oferecidas ao Senhor as *primícias* do nosso trabalho.

Dizemos, frequentemente, que esta festa fecha o tempo Pascal, mas, mais do que fechar, o Pentecostes assinala uma abertura: a abertura de uma nova era! Celebramos, com a descida do Espírito Santo, a possibilidade da vida plena como comunhão, isto é, a vida segundo Deus, a vida *em Cristo*, como diz o apóstolo Paulo.

O Pentecostes é um dom extraordinário de Deus à humanidade, com o qual somos todos parte do Corpo de Cristo. É isto o Pentecostes: a incorporação da humanidade na vida do Filho

de Deus. Se pensarmos seriamente sobre este mistério que hoje celebramos, até ficamos arrepiados: não somos nós que nos elevamos a Deus, é Ele que desce até nós! Ele faz-Se um de nós, oferece a sua vida por nós, dá a sua vida por cada um de nós. Ressuscita e envia-nos o seu Espírito Santo, que nos faz participar da sua vida.

No Evangelho de hoje vemos o significado e as consequências para a nossa vida de vivermos *em Cristo*. A comunidade está reunida, mas com as portas fechadas, por causa do medo. O medo faz-nos ver o mundo como um lugar assustador e perigoso e que, por isso, exige que nos protejamos. Fechamo-nos em «sepulcros» por causa do medo e não deixamos que ninguém entre. Mas Jesus entra exatamente aqui, nos nossos medos. Jesus entra

e mete-Se no meio deles. Jesus vem sempre aos nossos lugares de morte e de medo. Não faz outra coisa que não seja vir e meter-Se no nosso meio para nos dar a sua paz.

O Senhor não espera que sejamos fortes, que tenhamos uma vida santa e irrepreensível para vir ao nosso encontro: Ele entra nos nossos medos e nas nossas mortes para nos fazer ressuscitar! É no nosso pecado, no nosso coração fechado pelo medo, nas nossas escuridões que Ele vem para nos salvar. E vem sempre!

O Senhor vem para nos comunicar a sua Paz e a sua Alegria e dar-nos a nossa missão, enviando-nos o Espírito Santo. Qual é a nossa missão? Ser como Ele, amor! A missão de sairmos em direção aos outros e não ficarmos fechados dentro

de nós. A missão de servirmos os nossos irmãos, reconhecendo-nos como filhos de Deus.

Cristo envia-nos o Espírito Santo, sempre. Sem pausa! E é este o sentido da vida: acolher, a cada dia, o Espírito Santo na nossa vida. O Evangelho de hoje termina com a concretização da nossa missão de Amor: perdoar! Nós temos este grande poder de Deus que é perdoar. Deus é Amor, Deus é misericórdia e, por isso, tudo o que faz é doar-Se, perdoadando-nos os nossos pecados. Perdoadando, servindo e amando, manifesto em mim o acolhimento do Senhor. Se eu tenho em mim o Amor do Pai e do Filho, não posso não perdoar, porque Deus é perdão. É esta a essência da Igreja: testemunhar o perdão dos pecados, o maior dos milagres, sinal inquestionável da presença de Deus.

Seg, 5 – s. BONIFÁCIO (Memória)

Tob 1, 3; 2, 1b-8 / Slm 111 (112), 1-6 / Mc 12, 1-12

Um homem plantou uma vinha. (Evang.)

Deus preparou o terreno com vinhas e lagar e cercadura para nós, os rendeiros, colhermos o fruto e, depois, pagarmos a renda. Envia-nos os sacerdotes para receberem a renda, os nossos atos de devoção. E nós, com que carinho tratamos os sacerdotes? Não são perfeitos. Ninguém o é. Mas qual é a nossa abordagem ao pensar neles? Os seus defeitos justificam os nossos pecados? (Já ouvi este raciocínio.) O leitor medite sobre isto.

Ter, 6 – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

Tob 2, 9-14 / Slm 111 (112), 1.2.4.7-9 / Mc 12, 13-17

Feliz o homem que (...) ama ardentemente os preceitos [do Senhor]. (Salmo)

Para nós, a palavra preceito tem um sentido extrínseco. Mas o preceito não é extrínseco se for apenas um delinear do que nós já vivemos. O que os noivos dizem quando se estão a casar: «prometo amar-te na doença e na saúde, etc.» é um preceito que se auto-impõem, mas que não lhes é extrínseco porque eles acham que já vivem isso. Também os preceitos de Deus não são um peso se as pessoas os tiverem assumido. O leitor assimile e medite.

Qua, 7 – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

Tob 3, 1-11.16-17a / Slm 24 (25), 2-9 / Mc 12, 18-27

Senhor, meu Deus (...), [não] escarneçam de mim os inimigos. (Salmo)

O que o salmo pretende dizer é que é difícil suportar o escárnio. Mas, às vezes, é preciso. Se for preciso sermos escarnecidos por causa do amor, temos que o ser. O amor é mais precioso. Temos que pedir a Deus a liberdade para não nos acobardarmos perante a troça dos outros. A troça dos outros fere como um bala de mercúrio. (O leitor veja na net). Mas não podemos deixar que nos mate. O leitor reze por isso.

Qui, 8 – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

Tob 6, 10-11; 7, 1.9-17; 8, 4-9 / Slm 127 (128), 1-5 / Mc 12, 28b-34

Feliz de ti, que temes o Senhor e andas nos seus caminhos. Comerás do trabalho das tuas mãos. (Salmo)

Sabemos que infelizmente não é assim. O salmo não quer significar que quem agrada a Deus vive na abundância. Quanta gente boa está desempregada e quanta gente diabólica é riquíssima. O que o salmo nos diz é que quem agrada a Deus tem fruto espiritual. O que não nos impede de pensarmos em todos os bens materiais que temos e que não precisamos. Façamos um exame de consciência nesse sentido.

Sex, 9 – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

Tob 11, 5-17 / Slm 145 (146), 1.2.7-10 / Mc 12, 35-37

O Senhor faz justiça aos oprimidos. (Salmo)

E Jesus vem-no-lo sublinhar. Só que a justiça que Jesus vem anunciar é o lugar que os injustiçados têm no coração do Pai. Não é, talvez, a justiça que nós, à primeira vista, gostaríamos. Não é uma justiça que resolve os problemas da Terra. É uma justiça espiritual. A justiça terrena é connosco. O leitor luta por ela?

Sáb, 10 – SANTO ANJO DA GUARDA DE PORTUGAL (Memória)

Dan 10, 2a.5-6.12-14ab / Slm 90 (91), 1.3.5b-6.10-11.14-15 / Lc 2, 8-14

Tu (...) moras à sombra do Omnipotente. (Salmo)

O salmo diz-nos que moramos, que andamos à sombra de Deus. Quem é que não gosta da sombra das árvores? Deus cobre-nos e protege-nos com a sua sombra. Façamos por nos sentir abrangidos por ela, façamos por andar por baixo da sua ramada. Hoje, o leitor reze à sombra de Deus, assimile, interiorize esta forma de estar.

Dom, 11 – SANTÍSSIMA TRINDADE (Solenidade) – Ano A

Ex 34, 4b-6.8-9 / Dan 3, 52-56 / 2 Cor 13, 11-13 / Jo 3, 16-18

Às vezes, ouve-se dizer: «Pai, por favor, não me diga que Deus me ama. Já estou farto!». Porquê? Porque é que nos fartamos de ouvir dizer que Deus nos ama? Porque é que algumas pessoas já não podem ouvir isto? O que significa dizer: Jesus ama-te?

Hoje, a Igreja celebra a solenidade da Santíssima Trindade e a passagem do Evangelho escolhida começa mesmo por afirmar o Amor de Deus pelo

mundo: «Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito», diz-nos S. João. Estas palavras estão no centro do Evangelho de S. João. O Apóstolo quer que reconheçamos na nossa vida o amor de Deus por nós. Quer que percebamos como é o seu amor.

O Amor de Deus realiza-se no envio do seu Filho. Ele poderia ter-nos salvo por decreto divino ou através de algum profeta poderosíssimo, mas escolhe man-

dar o seu Filho. E porque não veio o Pai para nos salvar? Porquê enviar o Filho? O Pai envia o Filho porque só em Jesus, o único que ama como é amado pelo Pai, podemos encontrar a nossa identidade de Filhos. Isto pode parecer muito complicado, mas na verdade não é. Só em Cristo, só no Amor do Pai pelo Filho podemos começar a compreender o significado do Amor.

Infelizmente, muitas vezes pensamos no Amor de Deus por cada um de nós assim como uma espécie de gostar muito, mas individual. Como duas pessoas gostam muito uma da outra, pensamos que é assim que Deus gosta muito de mim. Indivíduo a indivíduo. Uma relação de amor individual. O Evangelho de hoje diz-nos outra coisa: Cristo é dom gratuito do Pai ao mundo e sabemos que, *acolhendo* este dom, tornamo-nos filhos no Filho.

No domingo passado, celebrámos a descida do Espírito Santo. É o Espírito Santo, o Amor entre o Pai e o Filho, que nos é doado. Isto é: o Amor que une o Pai ao Filho é o Amor que nos é oferecido, se O quisermos acolher. Este é o Amor de Deus que, para nós, é inalcançável.

Nunca O poderemos alcançar! Aos homens é impossível! Por isso, é oferecido no Filho.

Isto pode parecer um discurso muito complicado, mas quando S. João fala do amor de Deus está a falar do Espírito Santo, que é a comunhão entre o Pai e o Filho. Então isto significa que ser amado por Deus, ser habitado pelo Espírito Santo, acolher o Filho na nossa vida mete-nos dentro da comunhão eterna que é o Nosso Deus, a Santíssima Trindade.

«Deus ama-te» não significa, então, uma espécie de sentimento quentinho que o Senhor tem quando pensa em nós, mas significa que, sendo amados por Deus, somos parte daquilo que Ele mesmo é. A sua vida é a nossa vida!

Deus ama-te! Isto é: a vida eterna é já aqui e agora! Não é só no futuro, depois da morte, que somos acolhidos no seio do Pai. É aqui e agora! *Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito* para que tenhamos a Vida Eterna. Quando? Para Deus não existe senão o dia de hoje! Somos convidados a acolher a Vida Eterna, a Vida do Filho, o Amor do Pai aqui e agora. Hoje!

Seg, 12 – SEMANA X DO TEMPO COMUM

2 Cor 1, 1-7 / Slm 33 (34), 2-9 / Mt 5, 1-12

Bem-aventurados sereis quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. (Evang.)

Isto é tudo muito bonito, mas não é para nós. Nós nem sequer enfrentamos o grupo dos nossos amigos, para não ficarmos mal vistos. (Ou será que enfrentamos?) Peçamos a coragem de sermos não-alinhados. De só alinharmos pela nossa consciência. Muito simplesmente, de sermos coerentes. De não nos vendermos.

Ter, 13 – SANTO ANTÓNIO DE LISBOA (Festa)

Sir 39, 8-14 / Slm 18 B (19 B), 8-11 / Mt 5, 13-19

Os preceitos do Senhor são retos e alegam o coração. (Salmo)

Os preceitos de Deus alegam o coração precisamente por serem retos, por serem claros, por nos darem descanso, nesse sentido. Além de serem muito claros, são muito libertadores. Os preceitos positivos são amplos – amar a Deus, o outro e a nós mesmos –, puxando extraordinariamente pela nossa criatividade, e os preceitos restritivos são muito poucos, em relação à quantidade imensa das nossas ações. Hoje, o leitor tome consciência disto e dê graças a Deus, alegre-se com os preceitos do Senhor.

Qua, 14 – SEMANA X DO TEMPO COMUM

2 Cor 3, 4-11 / Slm 98 (99), 5-9 / Mt 5, 17-19

A letra mata, mas o Espírito dá vida. (1ª Leit.)

É o espírito da lei que torna uma lei viva. É a letra da lei que permite que furemos uma lei, mesmo sabendo o que é que ela pretendia. Qual é a nossa honestidade em relação à lei? Devíamos sempre guiar-nos pelo espírito da lei, tanto quanto possível pelo pensamento do legislador. É exatamente ao contrário do que se faz nos impostos. O espírito dá vida. A letra tira-a. O leitor medite.

Qui, 15 – SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO (Solenidade) – Ano A

Deut 8, 2-3.14b-16a / Slm 147, 12-15.19-20 / 1 Cor 10, 16-17 / Jo 6, 51-58

Hoje celebramos o Santíssimo Corpo e Sangue do Senhor, a festa do mistério da Eucaristia em que meditamos Cristo que Se faz pão, o Senhor que Se faz alimento para nós.

No Evangelho, Jesus diz de Si mesmo ser o Pão da vida e que o pão que Ele nos dá é a sua carne para a vida do mundo. Ele quer que procuremos o Pão que não desaparece, quer que encontremos a vida que Ele é. Este Pão, esta Carne, esta vida que é a vida do Filho faz de nós filhos no Filho. Às vezes, é tão difícil aceitar isto que o Senhor nos diz, que é Ele a nossa vida, que é n'Ele que encontramos a vida verdadeira, a vida à qual somos chamados e que faz de nós filhos de Deus.

Jesus usa as palavras «carne» e «sangue» e «comer», «mastigar» e «beber» para nos dizer que acreditar n'Ele, o Pão da vida, significa comer a sua carne e beber o seu sangue, isto é, significa fazer daquilo que nós somos aquilo que Ele é. Nós transformamo-nos naquilo que comemos e somos por Ele convidados a comer a sua carne e a beber o seu sangue, para ser-

mos transformados naquilo que Ele é, para termos em nós a sua vida. Estas palavras são muito cruas e duras, mas o seu significado é verdadeiramente surpreendente: comer aquilo que o Senhor é, para que também nós sejamos aquilo que Ele é; assimilar na nossa carne a vida do Senhor para vivermos d'Ele.

Mas atenção: este discurso de Jesus não é simplesmente metafórico. Quando fala da sua carne, não está a fazer uma bonita comparação: assumindo-Se como o *maná do Deserto*, a comida descida do céu para alimentar os Judeus que atravessavam o deserto durante o Êxodo, Jesus revela-Se como o cumprimento da aliança. Para os ouvidos de um judeu isto é escandaloso! Um homem que se atribui a si mesmo qualidades divinas. Ainda mais: aqui Jesus revela que Deus quer dar-nos a vida! A Vida verdadeira. A vida sem ocaso. Para um cristão, este discurso recorda que na eucaristia comemos verdadeiramente o corpo do Senhor: não é uma metáfora, é realmente o seu corpo que nos é oferecido. Quem come a sua carne e bebe

o seu sangue mete-se a si mesmo em comunhão com Deus.

Se é verdade que nos transformamos naquilo que comemos, é ainda mais verdade que nos transformamos naquilo que amamos, e o Senhor amamos de tal maneira que Se fez um de nós para que possamos

ter a sua vida. Assim, esta passagem mostra-nos o significado profundo da Eucaristia, em que o Senhor nos revela o seu amor incondicional por cada um de nós e explicita o que acontece connosco quando comungamos: fazemos da vida de Deus a nossa vida.

Sex, 16 – SEMANA X DO TEMPO COMUM

2 Cor 4, 7-15 / Slm 115 (116), 10-11.15-18 / Mt 5, 27-32

Levamos sempre em toda a parte no nosso corpo os sofrimentos da morte de Jesus.
(1ª Leit.)

Caro leitor, hoje, por respeito ao sofrimento do leitor, vou fazer este comentário na primeira pessoa. Eu não levo na minha carne os sofrimentos da morte de Cristo e esforço-me por não levar. Esforço-me por não sofrer. Evito mesmo amar o outro quando isso implica determinado grau de sofrimento. Tenho que me esforçar mais e esta frase de S. Paulo é um apelo a isso. Só o leitor sabe de si.

Sáb, 17 – SEMANA X DO TEMPO COMUM

2 Cor 5, 14-21 / Slm 102 (103), 1-4.8-9.11-12 / Mt 5, 33-37

O que passa disto [sim, sim; não, não] vem do Maligno. (Evang.)

A verdade deve ser-nos natural. Construir uma imagem para vender aos outros é diabólico. É vendermo-nos. É uma cobardia. É vestirmos a mentira, enfiarmos uma máscara que depois se cola à nossa cara. Depois já nem nos conhecemos, nem já sabemos qual é a verdade acerca de nós próprios. Entrámos num mundo de ilusão de que não conseguimos sair. E depois, que faceta é que relacionamos com Deus?

Dom, 18 – DOMINGO XI DO TEMPO COMUM – Ano A

Ex 19, 2-6a / Slm 99 (100), 2.3.5 / Rom 5, 6-11 / Mt 9, 36 – 10, 8

Diante da constatação de que a *seara é grande e os trabalhadores são poucos*, o Senhor chama a Si os *doze discípulos* e envia-os em missão. O facto de a *seara* ser grande, isto é, o facto de a missão que espera a Igreja ser muito grande não é razão para a falta de esperança, mas para a alegria. A humanidade inteira é a *seara* madura, pronta para o dom de Deus. Hoje. O primeiro dos trabalhadores é Jesus, que trabalha para que acolhamos a misericórdia de Deus.

Jesus convoca e envia, no mesmo momento. Vocaçào e missão estão sempre de mãos dadas. A nossa vocaçào a sermos *filhos de Deus* torna-se real na missão que recebemos de ir ao encontro dos nossos irmãos. É esta a missão de Jesus, anunciar que Deus é Pai e que nós somos seus filhos. A Igreja é apostólica porque fundada sobre os apóstolos, é certo, mas também o é porque é uma Igreja de apóstolos, de filhos enviados aos irmãos. Somos colaboradores da missão de Jesus.

Diz Santo Agostinho: «Deus, que te criou sem ti, não te salvará sem ti». Isto é: somos responsáveis pela nossa salvação. É posta nas nossas mãos a responsabilidade de seguir a missão que recebemos na nossa

vocaçào. Mas a nossa vocaçào não é à independência uns dos outros, mas à fraternidade. Por isso somos todos responsáveis uns pelos outros. Quando um israelita cometia um ato contra a lei, a Escritura diz que «o Povo pecou» e até mesmo que «o Povo deve purificar-se». De modo semelhante, encontramos várias passagens em que é a justiça de uns que salva outros. Quando Deus anuncia a Abraão que Sodoma e Gomorra devem ser destruídas, ele defende a cidade dizendo que talvez haja lá dez justos, ao que o Senhor responde: «Em atenção a esses dez justos, não a destruirei» (Gn 18, 32). A nossa mentalidade é marcadamente individualista e parece-nos injusto que uns sofram por outros, mas não foi exatamente isto que aconteceu a Jesus Cristo? Se um rapaz, jogando à bola, partir a janela do seu quarto e a sua irmã, sabendo que o pai se irritará tremendamente com o filho, disser que foi ela que o partiu numa distração, como reagirá o rapaz?

É justa ou injusta esta ação? O facto de a irmã assumir a culpa do irmão justifica-se pelo amor que os une. O amor vem reforçado. Ela será com certeza repreendida, mas com isto ganhou-se em amor. Quanto mais

nos separamos uns dos outros, quanto mais nos isolamos na segurança da nossa suposta justiça, mais nos desumanizamos. Quanto mais nos preocupamos com a felicidade dos nossos irmãos, mais nos unimos a Cristo. Diz um teólogo russo que *para o inferno, vai cada um sozinho, autonomamente, sem ajuda, mas para o paraíso só podemos ir com a ajuda uns dos outros*. Uma obra artística do Beato Angélico, onde estão representados o inferno e o Paraíso, ilustra isto muito bem: vemos como aqueles que são salvos vão to-

dos de mãos dadas, representando a união fraterna. Os que descem ao inferno deitam as mãos à cabeça e vai cada um por si, isoladamente.

Na história da Igreja, temos tantos exemplos de missionários incansáveis, que percorreram milhares de quilómetros para anunciar a salvação aos seus irmãos, mas o que podemos fazer nós pela salvação dos nossos irmãos? Sobretudo, viver *com cara de gente salva*, viver de acordo com aquilo que acreditamos, sendo razão para a alegria uns dos outros.

Seg, 19 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 6, 1-10 / Slm 97 (98), 1-4 / Mt 5, 38-42

Não resistais ao homem mau. (Evang.)

Mas havia maldade à qual Jesus resistia. A bofetada do soldado (Jo 18, 22). A blasfémia contra o Espírito Santo (Mt 12, 31). O que é que nos quer dizer, então, este «não resistais ao homem mau»? Vem na linha do amor ao inimigo. Mas amar o inimigo não é deixar que nos façam mal. Jesus só deixou que Lhe fizessem mal quando entendeu chegada a sua hora. Antes, escapava-Se entre as multidões (Jo 10, 39). Portanto, em última instância, o que temos que fazer é a vontade do Pai.

Ter, 20 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 8, 1-9 / Slm 145 (146), 1.2.5-9 / Mt 5, 43-48

Ele, que era rico, fez-Se pobre. (1ª Leit.)

Ser pobre é precisar. Quando nós temos o suficiente para não sentirmos necessidade, andamos anestesiados pela riqueza. A riqueza do nosso dinheiro que permite que não sintamos falta

do essencial. A riqueza da nossa informação que nos entra pela casa. A riqueza da cultura que compramos na FNAC ou/e nas Paulistas. A riqueza das nossas relações. A riqueza de uma vida interior sem vazios. Afinal, somos pobres em quê? De que é que temos necessidade? Será que temos necessidade de Deus? Para quê? Para quê, meu caro leitor?

Qua, 21 – S. LUÍS GONZAGA (Memória)

2 Cor 9, 6-11 / Slm 111 (112), 1-5.9 / Mt 6, 1-6.16-18

Quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita. (Evang.)

O que devia ser público era a percentagem de rendimento que a pessoa dá para caridade. Alguns poderiam dar 10.000 e ser muito pouco (mas acharem-se o máximo), outros poderiam dar 10 e ser muitíssimo, mas fiquem envergonhados. Continuo a achar e continuo a dizer ao leitor que dê para caridade uma percentagem do seu rendimento. Não é do seu ordenado. É do seu rendimento.

Qui, 22 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 11, 1-11 / Slm 110 (111), 1-4.7-8 / Mt 6, 7-15

Se eu sou inculto na arte de falar... (1ª Leit.)

S. Paulo queixava-se que os Coríntios seguiam pregadores talvez mais eloquentes que ele, mas menos sabedores. Temos que ver quem seguimos: se os modeladores da palavra, que não nos interpelam, ou os que nos incomodam. O leitor deixa-se incomodar? E age sobre isso? Quando foi a última vez que isso aconteceu?

Sex, 23 – SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (Solenidade)

Deut 7, 6-11 / Slm 102 (103), 1-4.6-8.10 / 1 Jo 4, 7-16 / Mt 11, 25-30

Porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. (Evang.)

Para certas pessoas, parece que Deus não fala se não for através de um discurso intelectual erudito, de uma liturgia muito elaborada. Jesus vem-nos lembrar o erro deste pensamento, a soberba que este pensamento comporta. Hoje, o leitor peça a Deus o dom de ser pequenino.

Sáb, 24 – NASCIMENTO DE S. JOÃO BATISTA (Solenidade)

Is 49, 1-6 / Slm 138 (139), 1-3.13-14abc.15 / At 13, 22-26 / Lc 1, 57-66.80

Senhor, vós conheceis o íntimo do meu ser (...) penetrais o meu pensamento. (Salmo)

Senhor, sabes quando estou contente ou quando estou triste, quando o meu coração se dilata ou está apertado. Dá-me a graça de ter sempre um canto dentro do teu coração, nas horas boas e nas horas más, para que as alegrias e as intempéries da vida nunca me apartem de Ti. Dá-me o teu calor e a tua ternura, senta-me ao teu colo e abraça-me e nunca Te separe de mim. Ámen.

Dom, 25 – DOMINGO XII DO TEMPO COMUM – Ano A

Jer 20, 10-13 / Slm 68 (69), 8-10.14.17.33-35 / Rom 5, 12-15 / Mt 10, 26-33

O Senhor repete muitas vezes «não temais», «não tendes medo». Hoje, depois de ter enviado os discípulos como ovelhas para o meio de lobos, volta a insistir que não tenhamos medo daqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Embora o medo tenha a sua utilidade – só os loucos ou os inconscientes não têm medo de nada – este não pode ser o motor do nosso agir. Não pode ser o medo que nos impede de agir ou faz agir: é bom que ele nos afaste de perigos desnecessários, mas não pode ser impedimento para uma vida com confiança. Uma vida sem confiança é uma vida bloqueada.

Hoje, o Senhor convida-nos a ter confiança: o princípio e o fim da nossa vida não é nada de que devamos ter medo. A

meta da nossa vida é o Pai que é Amor, que nos ama e que somos chamados a amar. Não temais! Este é um convite a reconhecermos que há coisas na vida que nos assustam e nos podem fechar em nós mesmos, que nos podem impedir de arriscar e avançar, mas estas coisas não têm uma palavra definitiva sobre aquilo que somos. A palavra definitiva é o Amor do Pai e é isto que somos chamados a reconhecer como motor da nossa vida.

A confiança no Amor do Pai realiza em nós aquilo que somos: filhos e filhas de Deus. Esta confiança vê-se na nossa vida, torna-se operante no nosso dia a dia. Por isso vemos como o juízo de Deus é realizado por cada um de nós na sua vida concreta: se reconhe-

ceмос a presença de Deus, se reconhecemos o Filho como nosso irmão, então somos reconhecidos pelo Pai. Mas o que significa isto?

Antes de mais, significa que foi o Senhor quem nos amou em primeiro lugar, foi Ele que deu a vida por cada um de nós. Ele, que Se fez o último, o mais pequeno de todos para que todos o possamos encontrar e reconhecer. Significa que Ele está conosco até ao fim dos tempos para nos salvar, mas significa também que o «tremendo» juízo de Deus é posto nas nossas mãos.

A nossa vida de cada dia é uma oportunidade para O reconhecer, mas este reconhecimento é sobretudo um reconhecimento com o coração e com a vida. Renegar o Senhor é não O reconhecer nos nossos irmãos, nos mais pequenos dos nossos irmãos. Se não O reconhecemos nos mais pequenos, perdemo-nos. S. Paulo diz-nos

que se O renegarmos, também Ele nos renegará (2 Tim 2, 11), mas insiste que nada nos pode separar do Amor de Deus (Rom 8, 38). Não olhemos com leviandade para estas palavras, mas nunca esqueçamos que Ele deu a vida por nós, pecadores. Na verdade, «se formos infiéis, Ele permanecerá fiel, pois não pode negar-Se a Si mesmo» (2 Tim 2, 13). Ele é o Filho e reconhece-nos sempre como irmãos e irmãs. Mesmo se O negarmos, como S. Pedro, Ele permanece sempre fiel até ao fim dos tempos. Esta é uma fé certa e segura.

Não tenhais medo! O Senhor dá a cada um de nós liberdade e responsabilidade. Recordemos o que nos diz Santo Agostinho: «Deus, que te criou sem ti, não te salvará sem ti». Isto é, somos responsáveis pela nossa salvação e pela de cada um dos nossos irmãos, porque somos todos responsáveis por todos.

Seg, 26 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gen 12, 1-9 / Slm 32 (33), 12-13.18-20.22 / Mt 7, 1-5

Não julgueis e não sereis julgados. (Evang.)

Mas alguns defeitos ou pecados dos outros parecem tão evidentes... porque é que não podemos destacar essas evidências? Porque ao destacarmos essas «evidências» estamos a pôr-nos numa posição de superioridade, estamos a ligar holofotes

para cima do outro, evidenciando-o, e a pôr-nos a nós na sombra desses holofotes. Ora, Jesus diz-nos que os holofotes devem estar virados sobre nós e que deixemos o julgamento dos outros para o Pai, o único que lhes conhece o coração e as intenções.

Ter, 27 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gen 13, 2.5-18 / Slm 14 (15) 2-5 / Mt 7, 6.12-14

Eu sou a luz do mundo, diz o Senhor; quem Me segue terá a luz da vida. (Aleluia)

E esse que Me segue também poderá ser luz para os outros que, muitas vezes, precisam tanto de luz. Muitas vezes, os outros precisam de nós para lhes alumiar o ânimo quando se sentem mais tristes. Às vezes, uma simples graça de alguém que está cheio de Deus vai fazer um bem imenso a uma pessoa com o marido emigrado. Às vezes, uma graça vai distrair uma pessoa acabrunhada. Todos nós podemos ser luz numa ou noutra altura da vida das outras pessoas. O leitor peça esse dom.

Qua, 28 – SANTO IRENEU (Memória)

Gen 15, 1-12.17-18 / Slm 104 (105), 1-4.6-9 / Mt 7, 15-20

Quem permanece em mim dá muito fruto. (Aleluia)

Será que «permanecer em Deus» ajuda o nosso trabalho? Ajuda, porque o amor ajuda a criar. Mais, a criação é fruto do amor. Mas o ódio não cria? O ódio pode criar mas, em última instância, destrói. O amor ajuda à criação, ajuda-nos a limpar, ajuda-nos a escrever, ajuda-nos a ensinar... Permanecer em Deus ajuda a viver melhor. Peçamos a graça de nos lembrarmos de Deus ao longo do nosso dia.

Qui, 29 – S. PEDRO E S. PAULO, APÓSTOLOS (Solenidade)

At 12, 1-11 / Slm 33 (34), 2-9 / 2 Tím 4, 6-8.17-18 / Mt 16, 13-19

... e a porta abriu-se por si mesma diante deles. (1ª Leit.)

Deus mandou um anjo libertar Pedro e também nos manda anjos para nos libertarem; muitas vezes, dos nossos estados de solidão, de tristeza, de sofrimento, ou manda-nos companheiros para a nossa alegria. O amor de Deus está atuante nas nossas vidas.

Hoje, agradecemos pelos anjos que Deus põe no nosso caminho. Podemos escolher um em especial para agradecer.

Sex, 30 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gen 17, 1.9-10.15-22 / Slm 127 (128), 1-5 / Mt 8, 1-4

E imediatamente ficou curado da lepra. (Evang.)

Nós também gostávamos de ficar curados imediatamente. Gostávamos que as nossas curas tivessem um caráter imediato. Mas as nossas curas (dos pecados) são construídas dia a dia. Às vezes, hora a hora, penosamente, vagarosamente. E isso mói-nos porque exige de nós muita perseverança no meio dos nossos altos e baixos. Peçamos o dom da perseverança.